

*Sue Prideaux*

**EU SOU  
DINAMITE!**  
*A vida de* **Friedrich  
Nietzsche**

*Tradução*  
Claudio Carina

**CRÍTICA**

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Sue Prideaux, 2018  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *I am Dynamite! A life of Nietzsche*

*Coordenação editorial:* Sandra Espilotro  
*Preparação:* Tiago Ferro  
*Revisão:* Carmen T.S. Costa, Andressa Veronesi  
*Diagramação:* A2  
*Capa:* Elmo Rosa  
*Imagem de capa:* Lebrecht Music & Arts / Alamy Stock Photo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Prideaux, Sue  
Eu sou dinamite : a vida de Friedrich Nietzsche / Sue Prideaux.  
Tradução de Claudio Carina – São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.  
440 p.

ISBN: 978-85-422-1644-8  
Título original: I am dynamite

1. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900 - Biografia 2. Filósofos - Alemanha - Biografia 3. Filosofia alemã I. Título

19-0935

CDD 921.3

2019  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar  
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Para Georgia, Alice, Mary,  
Sam e George.

Torne-se quem você é, tendo aprendido o que é isso.

# CRÍTICA

# CRÍTICA

## Sumário

1. Uma noite musical . . . . .	9
2. Nossa Atenas alemã . . . . .	29
3. Torne-se quem você é . . . . .	45
4. Naxos . . . . .	65
5. O nascimento da tragédia . . . . .	91
6. Chalé do Veneno . . . . .	115
7. Conceito-tremor . . . . .	127
8. O último discípulo e o primeiro discípulo . . . . .	143
9. Espíritos livres e não tão livres . . . . .	157
10. Humano, demasiado humano . . . . .	171
11. O andarilho e sua sombra . . . . .	183
12. Filosofia e eros . . . . .	199
13. A aprendiz do filósofo . . . . .	211
14. Meu pai Wagner morreu. Meu filho Zaratustra nasceu . . . . .	227
15. Só existem ressurreições onde há túmulos . . . . .	239
16. Ele me emboscou! . . . . .	253
17. Declamando no vazio . . . . .	265
18. Lhamalândia . . . . .	279
19. Eu sou dinamite! . . . . .	289
20. Crepúsculo em Turim . . . . .	305
21. O minotauro da caverna . . . . .	327
22. O ocupante vazio de quartos mobiliados . . . . .	341

Aforismos . . . . .	373
Cronologia . . . . .	387
Notas . . . . .	393
Bibliografia selecionada . . . . .	407
Agradecimentos . . . . .	411
Agradecimentos das citações . . . . .	413
Índice remissivo . . . . .	415

# CRÍTICA

# I

## Uma noite musical

Para fugir de uma pressão insuportável você precisa de haxixe.  
Bem, então, eu preciso de Wagner. Wagner é o antídoto para tudo  
que é alemão.

*Ecce homo*, “Por que sou tão inteligente”, seção 6

Em 9 de novembro de 1868, com 24 anos, Nietzsche contou uma história cômica a Erwin Rohde, seu amigo e colega na Universidade de Leipzig. Ele escreveu:

Os atos na minha comédia são intitulados:

1. Uma reunião noturna da sociedade, ou o professor assistente.
2. O alfaiate expulso.
3. Um encontro com X.

O elenco inclui algumas senhoras.

Na noite de quinta-feira Romundt me levou ao teatro, que me desperta sentimentos cada vez mais frios [...] acomodamo-nos como deuses entronados no Olimpo para julgar uma peça medíocre chamada *Graf Essex*. Claro que reclamei com meu sequestrador [...]

A primeira palestra do semestre da Sociedade Clássica foi marcada para a noite seguinte e fizeram a cortesia de me convidar a fazer parte. Precisei me munir de um estoque de armas acadêmicas, mas logo estava preparado, e tive o prazer de encontrar, ao entrar no salão em Zaspel, uma missa negra de quarenta ouvintes [...] Falei bem à vontade, auxiliado apenas por anotações em um pedaço de papel [...] Acho que vai dar certo, essa carreira acadêmica. Quando cheguei em casa encontrei um bilhete a mim endereçado, com umas poucas palavras: “Se você quiser conhecer Richard Wagner, esteja às 15h45 no Café Théâtre. Windisch”.

Essa surpresa causou um turbilhão em minha mente [...] claro que saí correndo para encontrar nosso honorável amigo Windisch, que me deu mais informações. Wagner encontrava-se estritamente incógnito em Leipzig. A imprensa não sabia de nada e os criados foram orientados a se manter em silêncio como túmulos de libré. Acontece que a irmã de Wagner, Frau Professor Brockhaus,<sup>1</sup> aquela mulher inteligente que nós dois conhecemos, apresentou ao irmão sua boa amiga, Frau Professor Ritschl. Na presença de Frau Ritschl, Wagner toca “Meisterlied” [a ária de Walther para a mais recente ópera de Wagner, *Die Meistersinger*, que havia estreado alguns meses antes] e a boa mulher diz a ele que já conhece bem essa melodia. [Ela já a tinha ouvido sendo tocada e cantada por Nietzsche, apesar de a partitura musical ter sido publicada muito recentemente.] Alegria e surpresa da parte de Wagner! Declara sua suprema vontade de encontrar-se comigo incógnito; sou convidado para a noite de domingo [...]

Durante os dias intervenientes meu estado de espírito pareceu coisa de um romance: acredite em mim, os preliminares para esse encontro, considerando o quanto esse homem excêntrico é inacessível, pareciam quase um conto de fadas. Acreditando que muitas pessoas seriam convidadas, resolvi me vestir de forma muito elegante, e por isso fiquei feliz por meu alfaiate ter prometido meu novo terno de gala para aquele mesmo domingo. Foi um dia terrível de chuva e neve. Tremia só de pensar em sair de casa, por isso fiquei contente quando Roscher<sup>2</sup> me fez uma visita à tarde para me dizer algumas coisas sobre a Eleática [uma antiga escola de filosofia grega, provavelmente do século VI a.C.] e sobre Deus na filosofia. Afinal o dia começou a escurecer, o alfaiate não apareceu e chegou a hora de Roscher ir embora. Eu saí com ele para ir até o alfaiate pessoalmente. Lá encontrei seus escravos extremamente ocupados com o meu terno; eles prometeram enviá-lo em três quartos de hora. Saí de lá contente, passei pelo Kintschy's [um restaurante de Leipzig muito frequentado por estudantes], li a *Kladderadatsch* [uma revista satírica ilustrada] e tive o prazer de ler uma notícia de que Wagner estava na Suíça. O tempo todo eu sabia que iria me encontrar com ele naquela mesma noite. Também sabia que ontem ele tinha recebido uma carta de um reizinho [Ludwig II da Baviera] assim endereçada: “Ao maior compositor alemão, Richard Wagner”.

Em casa não vi nenhum alfaiate. Dei uma lida na dissertação sobre Eudóxia,<sup>3</sup> vez ou outra perturbado por uma campainha alta porém distante. Finalmente cheguei à conclusão de que havia alguém em frente ao patriarcal portão de ferro forjado; estava trancado, assim como a porta da frente da casa. Gritei para o homem e disse para ele entrar por trás. Era impossível se fazer entender com aquela chuva. A casa inteira estava agitada. Finalmente o portão foi aberto e um velhinho chegou ao meu



quarto com um pacote. Eram seis e meia, hora de me vestir e me preparar, pois eu moro um pouco longe. O homem está com as minhas roupas. Eu as experimento; elas servem. Um momento ominoso: ele apresenta a conta. Aceito-a com delicadeza; ele quer ser pago contra a entrega dos artigos. Fico surpreso e explico que não vou tratar com ele, um empregado, apenas com o próprio alfaiate. O homem me pressiona. O tempo me pressiona. Pego as coisas e começo a vesti-las. Ele as agarra, não me deixa vesti-las – força do meu lado; força do lado dele. Cena: estou lutando só de camisa, tentando colocar minhas calças novas.

Uma demonstração de dignidade, uma ameaça solene. Amaldiçoando meu alfaiate e seu assistente, juro vingança. Enquanto isso ele está indo embora com minhas coisas. Fim do segundo ato. Fico matutando no sofá, só de camisa, considerando se um veludo preto será suficiente para Richard.

Lá fora a chuva está forte. Um quarto para as oito. Combinamos de nos encontrar no Café Théâtre às sete e meia. Saio para a noite de vento e chuva, um homenzinho de preto sem um traje de gala.

Entramos na confortável sala de visita de Brockhaus; ninguém no local além do círculo familiar, Richard e eu. Sou apresentado a Richard e me dirijo a ele com umas poucas palavras respeitadas. Ele quer saber detalhes exatos de como fiquei conhecendo sua música, amaldiçoa todas as apresentações de suas óperas e zomba dos maestros que orientam suas orquestras com voz branda: “Senhores, aqui é mais passional. Meus bons companheiros, um pouco mais passional!” [...]

Antes e depois do jantar, Wagner tocou os principais trechos de *Meistersinger*, imitando todas as vozes com grande exuberância. Realmente ele é um homem fabuloso, vivaz e fogaoso, que fala muito depressa, é muito espirituoso e transforma uma reunião íntima como essa em um acontecimento muito divertido. Entrementes, tive uma conversa meio longa com ele sobre Schopenhauer; você vai entender o quanto apreciei ouvi-lo falar sobre Schopenhauer com um entusiasmo indescritível, sobre o quanto o reconhecia como o único filósofo que entendia a essência da música.

Os textos de Schopenhauer eram à época pouco conhecidos e não muito valorizados. As universidades se mostravam relutantes em reconhecê-lo como filósofo, mas Nietzsche se entusiasmou fervorosamente por Schopenhauer, tendo descoberto recentemente *O mundo como vontade e representação* por acaso, o mesmo acaso ou, como ele preferia dizer,<sup>4</sup> a mesma cadeia de coincidências fatídicas que pareciam ser organizadas pela infalível mão do instinto que o levava a esse encontro com Wagner na casa de Brockhaus.

O primeiro elo da corrente fora forjado um mês antes do encontro, quando Nietzsche ouviu os prelúdios das duas mais recentes óperas de Wagner, *Tristão e Isolda* e *Die Meistersinger von Nürnberg* [*Os mestres cantores de Nuremberg*]. “Todas as fibras, todos os nervos do meu corpo estremeçeram”, escreveu no mesmo dia, preparando-se para aprender os arranjos para piano. Depois disso, Ottilie Brockhaus ouviu-o tocar e transmitiu a informação ao seu irmão Wagner. E o terceiro elo: a grande admiração de Wagner pelo filósofo obscuro cujos textos serviram de consolo para Nietzsche três anos antes quando ele chegou a Leipzig, sozinho e infeliz.

Eu [Nietzsche] vivia então em um estado de indecisão e impotência, sozinho e sob certas experiências e decepções dolorosas, sem princípios fundamentais, sem esperança e sem uma única lembrança prazerosa [...] Um dia encontrei este livro em uma livraria de segunda mão, peguei-o como algo bem desconhecido para mim e virei suas páginas. Não sei que demônio me sussurrou: “Leve este livro para casa”. Foi o oposto de minha atitude habitual de hesitar em comprar algum livro. Ao chegar em casa, me joguei no sofá com o tesouro recém-adquirido e comecei a deixar aquele gênio energético e sombrio operar sobre mim [...] Vi ali um espelho de como eu via o mundo, a vida e minha própria natureza com uma grandiosidade aterrorizante [...] vi ali doença e saúde, exílio e refúgio, o Inferno e o Céu.<sup>5</sup>

Mas naquela noite na casa de Brockhaus não houve tempo para falar mais sobre Schopenhauer, pois o que Nietzsche descreveu foram as espirais de linguagem de Wagner, sua genialidade para moldar nuvens, seus rodopios, volteios e gesticulações, como ele conseguia estar em toda parte e em lugar nenhum.<sup>6</sup>

A carta continua:

Depois [do jantar] ele [Wagner] leu um trecho da autobiografia que está escrevendo, uma cena extremamente deliciosa de seus tempos como estudante em Leipzig, dos quais ainda não consegue pensar sem dar risada; ele também escreve com uma inteligência e uma habilidade extraordinárias. Finalmente, quando estávamos nos preparando para sair, ele apertou minha mão calorosamente e me convidou muito cordialmente para visitá-lo, para fazer música e conversar sobre filosofia; também me confiou a tarefa de falar sobre sua música com sua irmã e parentes, o que me comprometi solenemente a fazer. Você vai saber mais quando eu puder pensar nesta

noite de forma mais objetiva e distanciada. Por hoje, um cáldo até logo e desejos de melhora à sua saúde. F. N.

Quando saiu da sólida e muito bem localizada mansão de esquina da professora Brockhaus, Nietzsche foi saudado por rajadas de vento e salpicos de neve durante toda sua enregelante caminhada até a Lessingstrasse 22, onde alugava um quarto grande e não mobiliado do professor Karl Biedermann, editor do jornal liberal *Deutsche Allgemeine Zeitung*. Ele descreve seu estado de espírito como uma alegria indescritível. “Pensando bem, minha juventude teria sido intolerável sem a música de Wagner”,<sup>7</sup> escreveu, e ele nunca se esqueceria do fascínio exercido pelo compositor. Wagner é mais citado que qualquer outra pessoa nos textos de Nietzsche, incluindo Cristo, Sócrates e Goethe.<sup>8</sup> Seu primeiro livro foi dedicado a Wagner. Dois de seus catorze livros têm Wagner no título. Em seu último livro, *Ecce homo*, Nietzsche escreveu que continuava procurando em vão em todos os campos da arte por uma obra “tão perigosamente fascinante, de uma infinidade exótica e meiga como *Tristão*”.<sup>9</sup>

Desde cedo a ambição de Nietzsche era se tornar músico, mas como aluno extraordinariamente inteligente de uma escola extraordinariamente acadêmica, em que palavras estavam acima da música, aos dezoito anos ele abandonou a ideia, de forma relutante. Na ocasião de seu encontro com Wagner, Nietzsche ainda não era um filósofo, mas apenas um aluno da Universidade de Leipzig, onde estudava filologia clássica, a ciência das linguagens clássicas e da linguística.

Era um jovem bem empertigado, solene, culto e de boa índole, corpulento sem ser gordo. Nas fotografias, a impressão é que usava roupas emprestadas; os cotovelos e joelhos das vestimentas não estão nos lugares certos e os paletós repuxam nos botões. Baixo e de aparência comum, salvava-se do anonimato pelos olhos peculiarmente cativantes. Uma das pupilas era ligeiramente maior que a outra. Alguns dizem que as íris eram castanhas, outros que eram cinza-azuladas. Observavam o mundo com a incerteza difusa de uma extrema miopia, mas, quando focado, seu olhar era definido como intenso, penetrante e perturbador; fazia as mentiras entalarem na garganta do interlocutor.

Atualmente nós o conhecemos por fotografias, bustos e retratos de quando era mais velho, quando a boca e quase todo o queixo estavam totalmente

recobertos pelo grande bigode em forma de chifre de carneiro, mas fotos tiradas com colegas estudantes durante os anos na Universidade de Leipzig nos mostram que, numa época em que pelos faciais predominavam, os dele eram comparativamente inexpressivos. Podemos ver que os lábios eram cheios e bem torneados, um fato confirmado mais tarde por Lou Salomé, uma das poucas mulheres que o beijaram, e podemos ver ainda que seu queixo era firme e arredondado. Assim como a voga intelectual anterior fora de melenas fluentes e gravatas-borboletas de seda frouxas que propagavam as credenciais do romantismo, Nietzsche anunciava seu racionalismo pós-romântico destacando sua testa impressionante, ocupada por um cérebro impressionante, escondendo os lábios sensuais e o queixo decidido.

Nietzsche vinha se sentindo cada vez mais insatisfeito como filólogo. Em carta escrita onze dias antes do encontro com Wagner, ele se define e a seus colegas filólogos como “a efervescente estirpe de filólogos do nosso tempo, tendo a cada dia de observar todas as suas pululantes verrugas, as bochechas caídas e os olhos cegos, felizes em capturar minhocas e indiferentes aos verdadeiros problemas, aos urgentes problemas da vida”.<sup>10</sup> Um agravante adicional ao seu pessimismo era o fato de ser excepcionalmente bom nas verrugas pululantes que desprezava, e logo seria convidado a ocupar a cadeira de filologia clássica na Universidade de Basileia, tornando-se o mais jovem professor de todos os tempos. Mas essa glória ainda não havia chegado na noite em que Wagner o tratou como igual e deu mostras de que gostaria de continuar a amizade com ele. Foi uma honraria extraordinária.

Conhecido simplesmente como “o Mestre”, o compositor estava na casa dos cinquenta anos e gozava de notoriedade em toda a Europa. Todos os seus movimentos eram noticiados na imprensa, como Nietzsche descobrira pouco antes daquela noite ao ler a revista *Kladderadatsch* na cafeteria. Se Wagner fosse à Inglaterra, a rainha Vitória e o príncipe Albert o convidavam para um passeio. Em Paris, a princesa Pauline Metternich cuidaria de tudo. O rei Ludwig da Baviera se dirigia a Wagner como “meu adorado e angélico amigo” e tinha planos de remodelar totalmente a cidade de Munique em homenagem à música dele.

Ludwig morreu antes que o extravagante esquema fosse realizado (possivelmente assassinado, para impedir que seus insanos projetos de construção levassem o país à bancarrota), mas ainda podemos ver seus planos arquitetônicos: uma nova avenida cortando o centro da cidade, atravessando o rio Isar por uma nobre ponte de pedra semelhante à ponte do arco-íris de Wotan,

que levava ao Valhala em *Der Ring des Nibelungen* [O anel do nibelungo] de Wagner, concluindo com uma enorme casa de ópera que lembrava o Coliseu, fatiada verticalmente na metade com um par de asas de cada lado. Para o rei Ludwig, a música de Wagner era “minha mais linda, suprema e única consolação”, um sentimento ecoado com frequência por Nietzsche.

Desde seus primeiros anos, Nietzsche se mostrou extraordinariamente sensível à música. Relatos da família sobre sua infância sugerem que para ele a música era mais importante que o discurso: uma criança tão calada que era a única presença que o pai, o pastor Karl Ludwig Nietzsche,<sup>11</sup> admitia em seu escritório forrado de lambris enquanto trabalhava em assuntos da paróquia e escrevia seus sermões. Pai e filho passavam horas e dias juntos numa suave monotonia, mas, como muitos garotos de dois e três anos, o pequeno Friedrich às vezes era acometido por violentos paroxismos de raiva, gritando e agitando braços e pernas furiosamente. Nesses momentos nada o aplacava, nem a mãe ou brinquedos, nem comida ou bebida, a não ser quando o pai abria a tampa do piano e tocava alguma música.

Em um país musical, o pastor Nietzsche era extremamente habilidoso no teclado; pessoas viajavam quilômetros para ouvi-lo tocar. Era pastor luterano na paróquia de Röcken, ao sul de Leipzig, onde J. S. Bach ocupou o cargo de diretor musical por 27 anos, até sua morte. Karl Ludwig era conhecido por seus recitais de Bach. Fato ainda mais incomum, era admirado por seu excepcional talento de improvisação, um talento que Nietzsche herdaria.

Os antepassados de Nietzsche eram gente modesta da Saxônia, açougueiros e trabalhadores rurais que ganhavam a vida nos arredores da cidade que abrigava a catedral de Naumburg. O pai de Karl Ludwig, Friedrich August Nietzsche, ascendeu socialmente com a família ao adotar o Sacramento das Ordens Sagradas e melhorou ainda mais sua posição ao se casar com Erdmuthé Krause, filha de um arqui-diácono. Simpática às ideias de Napoleão, Erdmuthé deu à luz o pai de Nietzsche, Karl Ludwig, em 10 de outubro de 1813, alguns dias antes da Batalha das Nações, também chamada de Batalha de Leipzig, nas imediações da região onde Napoleão foi derrotado. Nietzsche adorava contar essa história. Considerava Napoleão o último grande imoralista, o último detentor de poder sem consciência, uma síntese de super-homem e monstro, e essa tênue ligação lhe conferia, segundo sua imaginação, a razão fisiopsicológica pré-natal de seu fascínio pelo herói. Uma das ambições não realizadas de sua vida foi fazer uma viagem à Córsega.

Karl Ludwig estava, naturalmente, destinado a seguir o pai no serviço à Igreja. Estudou na Universidade de Halle, perto de sua casa, havia muito renomada pelo ensino de teologia. Lá ele aprendeu, além de teologia, latim, grego e francês, história da Grécia e dos hebreus, filologia clássica e exegese bíblica. Não foi um estudante destacado, mas tampouco medíocre. Era conhecido como aluno esforçado e ganhou um prêmio por sua oratória. Ao sair da universidade, com 21 anos, arrumou um emprego como tutor na grande cidade de Altemburg, a uns cinquenta quilômetros ao sul de Leipzig.

Karl Ludwig era monarquista e conservador. Essas sólidas características chamaram a atenção do governante, José, duque de Saxe-Altemburg, que o contratou como supervisor da educação de suas três filhas, Therese, Elisabeth e Alexandra. Karl Ludwig tinha pouco mais de vinte anos, mas conseguiu exercer seu trabalho de forma admirável, e sem qualquer envolvimento romântico.

Depois de sete anos como tutor, candidatou-se ao posto de pastor da paróquia de Röcken, em uma planície fértil porém árida a aproximadamente 25 quilômetros de Leipzig. Em 1842, mudou-se para a residência paroquial com a mãe, Erdmuthe, então viúva. A residência era bem próxima de uma das igrejas mais antigas da província da Saxônia, uma velha igreja-fortaleza datada da primeira metade do século XII. Sob Frederico Barbarossa, sua torre alta e retangular dobrou de tamanho para servir como mirante para a extensa planície defendida pelos Cavaleiros de Kratzsch. A sacristia abrigava uma enorme efígie de pedra de um dos cavaleiros. A estátua aterrorizava o garoto Nietzsche quando o sol iluminava os olhos incrustados de rubis, fazendo-os brilhar e piscar.

Em uma visita à paróquia de Pobles, os olhos do pastor Karl Ludwig, de 29 anos, foram capturados pela filha de dezessete anos de um padre local. Franziska Oehler não tinha muita cultura, mas era dotada de uma simples e profunda fé cristã e não desejava nenhum destino mais glorioso do que apoiar seu marido através deste vale de lágrimas mortal.

Os dois se casaram quando Ludwig completou trinta anos, em 10 de outubro de 1843. Karl Ludwig levou sua noiva para a residência paroquial de Röcken, que era dominada por Erdmuthe, então uma intransigente *materfamilias* de 64 anos que ainda usava o ameaçador chapéu amarrado ao queixo e as falsas melenas laterais, típicas da geração anterior. Ela adorava o filho, controlava suas despesas e também a casa, baseada em seu “ouvido delicado”, que exigia manter os sons em volume permanentemente *pianissimo*.

Os outros membros da residência eram as duas meias-irmãs mais velhas do pastor, adoentadas e neuróticas, e as tias Augusta e Rosalie. Tia Augusta era uma mártir da domesticidade, que não permitia que a recém-casada Franziska fosse útil na cozinha para não amenizar seus problemas. “Deixe-me esse último refúgio”, dizia tia Augusta quando Franziska oferecia alguma ajuda. Tia Rosalie era um tipo mais intelectual; martirizava-se por causas de caridade. As duas tias eram afligidas pela difundida queixa contemporânea de doenças nervosas e estavam sempre a cinco passos de distância do armário de remédios, que nunca as curava. Esse triunvirato de mulheres mais velhas realmente transformaram Franziska, a noiva, numa inútil em sua própria casa. Felizmente, alguns meses depois do casamento, ela se viu grávida de Friedrich.

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em 15 de outubro de 1844 e foi batizado na igreja de Röcken por seu pai, que escolheu o nome em homenagem ao rei na época, Friedrich Guilherme IV da Prússia. Dois anos depois, em 10 de julho de 1846, nasceu uma menina que ganhou o nome de Therese Elisabeth Alexandra, em homenagem às três princesas que o pai havia orientado, que sempre foi conhecida como Elisabeth. Dois anos mais tarde nasceu outro garoto, em fevereiro, sendo chamado de Joseph em homenagem ao duque de Altemburg.

O pastor era devoto e patriota, mas não isento dos distúrbios nervosos que afligiam a mãe e as meias-irmãs. Trancava-se em seu estúdio durante horas, recusando-se a comer, beber ou falar. Mais alarmante ainda, era dado a misteriosos acessos, quando seu discurso era interrompido abruptamente no meio de uma sentença e ele ficava olhando para o vazio. Franziska corria para despertá-lo, mas quando “acordava” ele não tinha consciência do que acontecera.

Franziska consultou o dr. Gutjahr, o médico da família, que diagnosticou uma “doença nervosa” e receitou repouso, mas os sintomas se agravaram, afinal obrigando o pastor a se afastar de seus deveres paroquiais. Os misteriosos paroxismos foram diagnosticados como “amolecimento do cérebro”, e durante meses ele foi acometido por prostração, agonizantes dores de cabeça e acessos de vômito, enquanto sua visão deteriorava drasticamente, até quase a cegueira. No outono de 1848, aos 35 anos e casado havia apenas cinco anos, não conseguia mais sair da cama, o que efetivamente cessou sua vida ativa.

A vida de Franziska era sufocante sob Erdmuthé, as duas tias neuróticas e a debilidade cada vez maior do marido. Carrancas sombrias e sinais dissimulados eram trocados entre os adultos na residência paroquial, mas de al-

guma forma Franziska conseguiu proteger os filhos dessa atmosfera mórbida. Memórias de infância escritas por Friedrich e Elisabeth falam da liberdade e da leveza da vida que irmão e irmã encontravam em seu parquinho aparentemente ilimitado, abrangendo a grande torre da igreja, o terreno da fazenda, o pomar e o jardim de flores. Havia lagoas rodeadas por salgueiros e grutas verdejantes onde os dois entravam para ouvir os passarinhos e observar os velozes peixes dardejando sob a cintilante superfície da água. Consideravam o cemitério gramado atrás da casa “amigável”, mas não brincavam entre as antigas tumbas por causa de três janelas de águas-furtadas no teto daquele lado da casa, que pareciam observá-los como os olhos de um Deus que tudo vê.

Os sofrimentos de Karl Ludwig se agravaram; ele deixou de falar, e afinal sua visão deteriorou até a cegueira total. Morreu em 30 de julho de 1849, com apenas 35 anos.

“A paróquia preparou uma cripta de pedra para ele [...] Oh, nunca mais o som profundo e gutural daqueles sinos abandonaram meu ouvido; nunca me esquecerei da triste melodia do hino ‘Jesus, meu consolo’! Pelos espaços vazios da igreja os sons do órgão rugiam”, escreveu Nietzsche com treze anos em uma lembrança de sua infância.<sup>12</sup>

Nessa época, certa vez sonhei que ouvia música de órgão na igreja, a música que tinha ouvido no funeral do meu pai. Quando percebi o que havia por trás daqueles sons, um túmulo subitamente se abriu e meu pai, envolto numa mortalha de linho, apareceu. Correu para dentro da igreja e voltou um momento depois com uma criança nos braços. A tumba escancarou-se mais uma vez, ele entrou e a tampa se fechou sobre a abertura. Os estertorosos sons do órgão cessaram instantaneamente e eu acordei. No dia seguinte a essa noite, o pequeno Joseph adoeceu de repente, acometido por graves cólicas, e morreu poucas horas depois. Nossa tristeza não conheceu limites. Meu sonho havia sido completamente confirmado. O corpinho dele foi posto para descansar nos braços do pai.<sup>13</sup>

A causa do declínio e da morte do pastor Nietzsche foi extensivamente investigada. Se o pastor estava mesmo insano quando morreu é uma questão de considerável importância para a posteridade, pois o próprio Nietzsche sofreu de sintomas semelhantes aos do pai antes de enlouquecer, repentina e dramaticamente em 1888, aos 44 anos, seguindo insano até sua morte, em 1900. A considerável literatura sobre o assunto continua a aumentar, mas o



primeiro livro a respeito, *Über das Pathologische bei Nietzsche*, foi publicado em 1902, apenas dois anos após a morte de Nietzsche. Seu autor, o dr. Paul Julius Möbius,<sup>14</sup> foi um neurologista pioneiro e de destaque que se especializou em doenças nervosas hereditárias a partir dos anos 1870. Möbius foi definido por Freud como um dos pais da psicoterapia e, mais importante, trabalhou diretamente a partir do relatório *post mortem* do pastor Nietzsche que mostrava o *Gehirnerweichung*, amolecimento do cérebro, um termo usado comumente no século XIX para definir uma variedade de doenças cerebrais degenerativas.

A interpretação moderna inclui degeneração geral, um tumor no cérebro, tuberculoma cerebral, ou até um lento sangramento do cérebro causado por algum ferimento na cabeça. Diferentemente do pai, nenhum exame *post mortem* foi feito com Nietzsche, e por isso foi impossível para Möbius ou quaisquer outros pesquisadores produzirem algo como uma comparação entre os cérebros do pai e do filho. Mas Möbius, numa visão mais ampla, mostrou uma tendência a problemas mentais no lado materno da família. Um tio se suicidou, parece que por preferir a morte a ser trancado no *Irrenhaus*, o asilo para lunáticos. Pelo lado paterno, várias irmãs de Erdmuthe, a avó de Nietzsche, foram definidas como “mentalmente anormais”. Uma se suicidou e outras duas desenvolveram algum tipo de doença mental que exigiram cuidados psiquiátricos.<sup>15</sup>

Antes de abandonar de vez essa área especulativa, a morte do irmão mais novo de Nietzsche merece um comentário. Joseph sofreu ataques antes de morrer em decorrência de um derrame terminal. Não dá para se chegar a nenhuma conclusão definitiva, mas não pode haver dúvidas de que a família de Nietzsche era realmente afetada por uma forte tendência à instabilidade mental e neurológica.

Karl Ludwig Nietzsche tinha 35 anos quando morreu. Franziska estava então com 23, Nietzsche tinha quatro e Elisabeth, três. A família teve de se mudar da residência paroquial para dar lugar a um novo incumbente. A avó Erdmuthe resolveu voltar a Naumburg, onde dispunha de excelentes ligações. Seu irmão tinha sido pastor na catedral. Alugou um apartamento no andar térreo na Neugasse, uma rua modesta porém respeitável de casas semigeminadas. Erdmuthe ficou com o quarto da frente e instalou tia Rosalie e tia Augusta no quarto ao lado.

Franziska ficou com uma pensão de viúva de noventa táleres por ano, mais oito táleres por cada filho. A quantia foi acrescida por uma pequena

pensão da Corte de Altemburg, mas ainda assim não resultou em independência financeira. Ela se mudou com os filhos para os dois piores cômodos, no fundo da casa, onde Nietzsche e a irmã dividiam um quarto.

“Foi terrível morar na cidade, depois de vivermos no campo por tanto tempo”, escreveu Nietzsche. “Evitávamos as ruas tristonhas e procurávamos por espaços abertos, como passarinhos tentando fugir de uma gaiola [...] as igrejas e os prédios enormes da praça do mercado, com a *Rathaus* [prefeitura] e a fonte, as multidões a que eu não estava acostumado [...] Fiquei atônito com o fato de que normalmente aquelas pessoas não conheciam umas às outras [...] uma das coisas mais perturbadoras para mim eram as longas ruas pavimentadas.”<sup>16</sup>

Com uma população de 15 mil habitantes, Naumburg era realmente um lugar intimidante para uma criança nascida na minúscula aldeia de Röcken. Atualmente conhecemos Naumburg como um catálogo de imagens românticas, com uma iluminação tirada de um Livro de Horas medieval, um aglomerado de torres pálidas erguendo-se dos meandros do rio Saale. Mas quando a família de Nietzsche fixou residência na cidade, o Saale não era lugar para brincadeiras, mas sim um verdadeiro instrumento defensivo pontilhado de fortificações.

Dois anos antes de a família ir morar em Naumburg, as revoluções de 1848-49 convulsionaram a Europa com espasmos de levantes libertários que repugnavam o pai monarquista moribundo de Nietzsche. Richard Wagner, por outro lado, apoiou fervorosamente a era revolucionária, que ele esperava causar um completo renascimento da arte, da sociedade e da religião. Wagner lutou ao lado do anarquista russo Mikhail Bakunin nas barricadas da revolta de Dresden, em maio de 1849. Financiou o suprimento de granadas de mão dos rebeldes. Quando isto foi descoberto, Wagner foi exilado, o que explica por que estava morando na Suíça na ocasião do encontro com Nietzsche.

A Alemanha dos anos 1850 era a Confederação da Alemanha do Norte, ou Norddeutscher Bund (1815-66), uma confederação de Estados formada quando o mapa da Europa estava sendo redesenhado pelo Congresso de Viena, na esteira da derrota de Napoleão. A confederação compreendia 39 Estados alemães autônomos governados por príncipes, duques, bispos, membros de colégios eleitorais e assim por diante. Essa fragmentação em Estados minúsculos e atrasados resultava na inexistência de um exército nacional, de uma estrutura de impostos comum, de uma política econômica abrangente e até de uma verdadeira autoridade econômica. Déspotas se ludibriavam entre

si, míopes demais para ver as vantagens de uma unificação. Como complicação adicional, a confederação ainda compreendia os tchecos na Boêmia, os dinamarqueses em Holsácia e os italianos no Tirol. Hanover foi governada pelo rei da Inglaterra até 1837, Holsácia pelo rei da Dinamarca, e Luxemburgo estava sob o domínio do rei holandês. Em 1815, quando a Deutscher Bund foi formada, a Áustria era o membro dominante da confederação, mas ao longo do século o poder do chanceler austríaco Metternich foi desgastado, enquanto o Estado da Prússia, maior e mais rico em minérios, se tornava cada vez mais próspero e belicoso sob o chanceler Otto von Bismarck.

A cidade de Naumburg, na província da Saxônia, pertencia ao rei da Prússia. A aparência de fortaleza da cidade de que Nietzsche se lembra não era devida apenas a fricções internas da confederação, mas também à época em que era ameaçada pela França. Cinco pesados portões fechavam a cidade à noite. Para ser readmitido, um cidadão precisava tocar uma campainha e subornar a sentinela noturna. Nietzsche e sua irmã gostavam de fazer expedições nas “belas montanhas, nos vales dos rios, pelas muralhas e castelos” ao redor, mas tinham de estar atentos ao Sino da Vigília (mais tarde inserido no *Zarathustra* como “o sino que viu mais que qualquer homem, que contou as dolorosas batidas do coração de nossos pais”)<sup>17</sup> se não quisessem vivenciar o terror de João e Maria de ter que passar a noite fora da cidade.

Naumburg era cercada pela sombria floresta dos turingios, com suas tumbas e heróis da Antiguidade, cavernas de dragões, dólmens e abismo sombrios que desde os primeiros mitos germânicos simbolizavam a irracionalidade e a falta de controle do subconsciente alemão. Wagner se apropriaria disso para a jornada mental de Wotan rumo à adoção do caos, resultando na destruição da velha ordem pela morte dos deuses e o cancelamento de todos os antigos acordos. De início Nietzsche a caracterizaria como dionisíaca, depois como dionisíaca.

Nada poderia ser mais apolíneo, mais lógico e necessário que a cidade de Naumburg. Pelo rio Saale fluía a razão, a prosperidade e o ímpeto em direção ao conservadorismo romântico. Começou como um centro de comércio, um lugar vital de paz entre antigas tribos guerreiras. Ao longo dos anos, tornou-se um centro medieval de artesãos alemães e guildas comerciais. Desde a fundação da catedral, em 1028, Igreja e Estado se desenvolveram racionalmente e em harmonia durante séculos, principalmente nos séculos do protestantismo, de forma que, quando Nietzsche foi morar lá, Naumburg era uma grande ci-

dade, sólida e burguesa, um lugar de vida com retidão. Suas maravilhas arquitetônicas, representadas pela catedral e a igualmente esplendorosa prefeitura, demonstravam o quanto Igreja e Estado eram prósperos e podiam vicejar se as virtudes cívicas e religiosas conseguissem se tornar indistinguíveis por meio de uma cooperação harmoniosa de uma sociedade materialmente confortável e ligada ao passado.

Na época em que a avó Erdmuthe foi criada em Naumburg, o círculo religioso da cidade era regido por puros ideais luteranos de dever, modéstia, simplicidade e comedimento, mas seu retorno à cidade coincidiu com o movimento Despertar, que valorizava mais o fervor e a sublime revelação do que a razão. As pessoas se declaravam renascidas. Denunciavam-se em público como pecadores desesperados. Essas novas atitudes em voga não combinavam com as senhoras da família Nietzsche. Apesar de não haver o menor desvio da intenção de que Friedrich seguisse seu pai e o avô entrando para a Igreja, não havia como a família se tornar parte desse desrespeitoso círculo eclesiástico. Por isso, elas preferiram fazer amizade com as esposas de funcionários da Corte e de mulheres de juízes da Alta Corte, um segmento rico e poderoso da sociedade provinciana que continuava alheia àquelas novas ideias.

No ritmo lento de uma sociedade conservadora evoluindo a passos de lesma, as duas viúvas de clérigos, Erdmuthe e Franziska, dentro de suas circunstâncias estáveis, embora não exatamente prósperas, adaptaram-se bem e foram aceitas na posição de senhoras que poderiam ser úteis ao *establishment* da velha guarda, em troca de um patronato discreto. Nietzsche passou ao largo de quaisquer conflitos com aquelas convenções pedantes, um fato que ele admite pesarosamente quando descreve sua infância em Naumburg, sempre se comportando com a dignidade de um pequeno e autêntico filisteu. Mas se o relato em que descreve a visita do rei a Naumburg quando tinha dez anos não revela uma precocidade em seu pensamento político, sem dúvida mostra seu precoce talento literário:

Nosso prezado rei honrou Naumburg com uma visita. Foram feitos grandes preparativos para a ocasião. Todos os colegiais foram elegantemente vestidos de preto e branco e se postaram na praça do mercado desde as onze horas da manhã esperando a chegada do pai de seu povo. O céu encobriu-se gradualmente, a chuva caiu sobre todos nós – e o rei não chegava! O relógio bateu doze horas – e o rei não chegava. Muitas crianças começaram a sentir fome. Caiu uma nova chuvarada, todas as ruas

ficaram cobertas de lama; deu uma hora da tarde – a impaciência ficou mais intensa. Subitamente, por volta das duas horas, os sinos começaram a tocar e o céu sorriu atrás de suas lágrimas acima do alegre movimento da multidão. Depois ouvimos o matraquear da carruagem; uma tumultuosa vibração eclodiu pela cidade; acenamos nossos quepes em júbilo e gritamos no tom mais alto de nossas vozes. Uma nova brisa tremulou a miríade de bandeiras penduradas nos tetos, todos os sinos da cidade tocaram e a grande multidão aplaudiu, delirante, literalmente empurrando a carruagem em direção à catedral. Nos recessos do edifício sagrado, um grupo de garotinhas de vestido branco com grinalda e flores na cabeça foram dispostas na forma de uma pirâmide. Aqui o rei apeou-se [...]”<sup>18</sup>

Nesse mesmo ano, 1854, Nietzsche desenvolveu um apaixonado interesse pela Guerra da Crimeia. Durante séculos a península da Crimeia, situada no mar Negro e estrategicamente importante, foi um ponto de contenção entre a Rússia e a Turquia. Nessa época pertencia à Rússia, e então as tropas do czar Nicolau lutavam contra as forças do Império Otomano e seus aliados, a Inglaterra e a França. Foi a primeira guerra a ser registrada por fotógrafos. Graças ao telégrafo elétrico, os relatos eram recebidos do front praticamente enquanto aconteciam. Nietzsche e seus colegas de escola Wilhelm Pinder e Gustav Krug acompanharam a campanha com avidez. Gastavam o dinheiro que tinham em soldadinhos de chumbo, estudavam mapas e construía modelos de campos de batalha; fizeram uma pequena piscina para representar o porto de Sebastopol e criaram marinhas para seus barcos de papel. Para simular os bombardeios, enrolavam projéteis de cera e salitre, acendiam-nos e lançavam em seus modelos. Era tremendamente entusiasmante ver as bolas de fogo cruzar o ar, acertar um alvo e entrar em chamas. Mas, um dia, Gustav apareceu no campo de batalha com uma expressão triste. Sebastopol havia caído, disse aos amigos; a guerra tinha acabado. Furiosos, os garotos descarregaram sua raiva em seus modelos representando a Crimeia e abandonaram o jogo, mas não demorou muito para começarem a travar no lugar as Guerras de Troia.

Na época, o interesse pela Grécia andava em alta na Alemanha, cujos inúmeros pequenos Estados imaginavam um futuro e uma grandeza para si mesmos semelhantes aos das cidades-Estados daquele país. “Nós nos tornamos greguinhos tão apaixonados”, escreveu Elisabeth, “que arremessávamos lanças e discos (placas de madeira), praticávamos salto em altura e organizávamos corridas.” Nietzsche escreveu duas peças teatrais, *Os deuses no Olimpo* e *A tomada de*

*Troia*, que representou para a família, convencendo seus companheiros Wilhelm Pinder, Gustav Krug e a irmã Elisabeth a interpretarem outros papéis.

A mãe de Nietzsche o ensinou a ler e a escrever aos cinco anos. A educação dos garotos começava aos seis, e em 1850 ele foi matriculado na escola municipal, frequentada por filhos de famílias pobres. Sua irmã Elisabeth, mais preocupada com seu status, afirma na biografia que escreveu sobre o irmão que isso aconteceu porque a avó Erdmuthé tinha uma teoria de que “até a idade de oito ou dez anos todas as crianças, mesmo de diferentes níveis sociais, deveriam ser ensinadas juntas; as crianças advindas de classes mais altas poderiam assim adquirir uma melhor compreensão da atitude mental peculiar às ordens mais baixas”.<sup>19</sup> Porém, segundo a mãe deles, isso era um absurdo. O filho estudava lá porque eles eram pobres.

A precocidade de Nietzsche, sua atitude solene, sua lucidez de pensamento e expressão, juntamente com os olhos muito míopes, sempre sucumbindo às tentativas de focar em objetos físicos, o colocavam à margem da turma. Recebeu o apelido de “o pequeno pastor”, e os colegas caçoavam dele.

Na Páscoa de 1854, aos nove anos, Nietzsche foi transferido para uma escola com o pretensioso nome de “Instituto com o Objetivo de uma Preparação Completa para o Ginásio e outras Altas Instituições de Ensino”, um curso preparatório particular frequentado pela estirpe dos filhos de sua classe. Em termos sociais, sentiu-se muito mais confortável ali, mas a escola claramente exagerava em suas promessas acadêmicas de grande alcance. Com dez anos, Nietzsche, Wilhelm Pinder e Gustav Krug mudaram para a Dom Gymnasium, a escola da catedral. Lá, teve de se esforçar tanto para compensar o tempo perdido que seus estudos não permitiam que dormisse mais de cinco ou seis horas por noite. Suas descrições dessa época, como muitas outras passagens autoanalíticas, se referiam muito à morte do pai. Muitas e muitas vezes os relatos autobiográficos de Nietzsche, seja escrevendo ainda criança ou até mesmo nos últimos anos de vida sã, remetem à morte do pai.

Quando fomos para Naumburg, minha personalidade começou a se revelar. Eu já tinha passado por pesares e tristezas consideráveis na minha curta vida, e por isso não era tão despreocupado e alegre como normalmente são as crianças. Meus colegas de escola se acostumaram a me provocar por causa da minha seriedade. Isso acontecia não só nas escolas públicas, mas também mais tarde no instituto e no curso secundário. Desde a infância, eu buscava a solidão, me sentia melhor sempre que

podia me dedicar a mim mesmo sem ser perturbado. E isto costumava acontecer no templo da natureza ao ar livre, que era minha verdadeira alegria. Tempestades e trovões sempre me impressionaram com seu poder: o trovão chegando de longe e o clarão dos relâmpagos só aumentavam meu temor ao Senhor.<sup>20</sup>

Durante seus quatro anos na Dom Gymnasium, Nietzsche se destacou nos assuntos que o interessavam: versificação alemã, hebreu, latim e depois grego, que de início ele achou muito difícil. Matemática o entediava. Nas horas vagas, começou a escrever um romance intitulado *Morte e destruição*, compôs diversas peças musicais, escreveu ao menos 46 poemas e teve aulas da nobre arte da esgrima, muito inusitada para seu porte físico, mas necessária em sociedade.

Eu escrevia poemas e tragédias, medonhas e inacreditavelmente chatas, me atormentava na composição de partituras orquestrais, e fiquei tão obcecado pela ideia de me apropriar de conhecimentos e capacidades universais que corria sério perigo de me tornar obscuro e fantasista.<sup>21</sup>

Mas aqui o garoto de catorze anos se subestima ao resumir sua vida até aquela data, pois continua mantendo o mesmo ritmo em seus escritos, com uma análise crítica e acurada de sua própria poesia iniciada aos nove anos. A crítica da própria juventude chega a prever de modo interessante o clima da poesia simbolista, sobre a qual não poderia ter conhecimento por ter sido iniciada naquele momento em Paris por Baudelaire.

Tentava me expressar numa linguagem mais floreada e contundente. Infelizmente essa tentativa de esmero degenerava em afetação, e a iridescente linguagem adquiria uma obscuridade sentenciosa, enquanto em todos os meus poemas faltava a coisa mais importante de todas – ideias. [...] Um poema vazio de ideias e sobrecarregado de frases e metáforas é como uma maçã rosada com vermes escondidos no miolo [...] Na escrita de qualquer obra deve-se prestar a maior atenção às próprias ideias. Qualquer erro de estilo pode ser perdoado, mas não um erro de pensamento. O jovem, com sua falta de ideias originais, naturalmente procura esconder essa lacuna sob um estilo brilhante e iridescente; mas a poesia não se assemelha à música moderna a esse respeito? É sobre essas linhas que a poesia do futuro logo se desenvolverá. Poetas irão se expressar com as mais estranhas imagéticas, pensamentos confusos serão expostos

com argumentos obscuros, porém excessivamente pretensiosos e harmônicos. Em resumo, serão escritas obras parecidas com a segunda parte do *Fausto*, só que as ideias dessa produção estarão totalmente ausentes. *Dixi*.<sup>22</sup>

Sua busca pelo verdadeiro conhecimento universal e pela capacidade universal era sem dúvida inspirada no exemplo de Fausto, bem como em polímatas como Goethe e Alexander von Humboldt. Assim como eles, Nietzsche estudou história natural.

“Lizzie, não fale essas bobagens sobre a cegonha”, disse Nietzsche à irmã aos nove anos. “O homem é um mamífero, e traz seus filhos vivos ao mundo.”<sup>23</sup>

O livro sobre história natural também ensinou que “a lhama é um animal notável; transporta de boa vontade as cargas mais pesadas, mas, quando não quer prosseguir, vira a cabeça e descarrega sua saliva, que tem um odor desagradável, no rosto do condutor. Se for coagido ou maltratado, recusa-se a ingerir qualquer alimento e deita-se na areia para morrer”. Achou que essa descrição se aplicava totalmente à sua irmã Elisabeth, e pelo resto da vida, tanto em cartas como nas conversas, passou a chamá-la de “Lhama”, ou às vezes “fiel Lhama”. De sua parte, Elisabeth adorou o apelido íntimo e citava sua origem em qualquer oportunidade, embora omitisse a parte da cuspida malcheirosa.

O pai de Gustav Krug tinha “um maravilhoso piano de cauda” que exercia grande fascínio sobre Nietzsche. Franziska comprou um piano e ela mesma ensinou ao filho tudo o que sabia. Krug era muito amigo do compositor Felix Mendelssohn. Quaisquer músicos de destaque que visitassem a cidade se reuniam em sua casa para tocar. A música fluía pelas janelas para a rua, onde Nietzsche podia ficar ouvindo o quanto quisesse. E assim, ainda garoto, ficou conhecendo a música romântica da época, a música contra a qual Wagner estava se rebelando. Esses concertos ouvidos pela janela transformaram Beethoven no primeiro herói musical de Nietzsche, mas foi Handel quem o inspirou em sua primeira composição. Com nove anos, ele compôs um oratório inspirado pelo coral de *Aleluia* de Handel. “Achei que era uma melodia angelical de jubilação, que foi com esse som que Jesus ascendeu. Imediatamente resolvi compor algo similar.”

Boa parte de suas músicas de infância ainda sobrevive, graças à mãe e à irmã, que preservaram todos os rabiscos da pena de seu idolatrado garoto. O propósito de suas composições musicais era expressar o apaixonado.



do amor de Deus que permeava a intensidade emocional de sua casa, um amor que não poderia ser desligado da lembrança mórbida do pai cujo espírito, segundo acreditavam, continuava cuidando de todos. Era algo inseparável da expectativa de que ele próprio se tornaria “meu pai mais uma vez, e, por assim dizer, uma continuação da vida dele depois de sua morte precoce demais”.<sup>24</sup>

As mulheres da família o adoravam; Nietzsche era tudo para elas. Elisabeth era muito inteligente, mas, por ser mulher, sua educação não era uma questão de escolaridade, mas sim de aprender habilidades femininas. Aprendeu a ler e a escrever, um pouco de aritmética, francês suficiente para se mostrar culta, dança, desenho e muito sobre boas maneiras. Cada submissão do feminino ao sexo superior fazia com que ela e a mãe se refestelassem na própria inferioridade. E Nietzsche retribuiu tornando-se o homenzinho superior que desejavam que fosse. Em casa, e mesmo na escola, levava em alta conta a própria importância. Quando não era “a Lhama” ou “a fiel Lhama”, Elisabeth era “a garotinha” que ele tinha o dever de defender e proteger. Quando saía caminhando com a mãe ou a irmã, andava cinco passos à frente, para protegê-las de “perigos” como trechos de lama ou poças d’água, e de “monstros” como cachorros e cavalos, dos quais elas fingiam ter medo.

Os boletins da Dom Gymnasium mostravam que Nietzsche era um estudante diligente. A mãe não tinha dúvida sobre sua capacidade de realizar seus sonhos e ambições quando seguisse os passos do pai na Igreja. Sua dedicação à teologia o fazia tirar excelentes notas na matéria. Com doze anos e ardorosamente religioso, Nietzsche considerava a visão de Deus em toda Sua glória. Essa visão fez com que se decidisse a dedicar a vida a Deus.

Em todas as coisas Deus me conduziu em segurança, como um pai conduz seu filhinho debilitado [...] Resolvi firmemente me dedicar para sempre aos Seus serviços. Que o querido Senhor me dê força e poder para realizar minha intenção e me proteger nos caminhos da vida. Assim como um filho, confio em Sua graça: Ele nos preservará a todos, que nenhuma desgraça recaia sobre nós. Mas Seu desejo sagrado será realizado! Tudo que Ele me der eu aceitarei com alegria: felicidade e infelicidade, pobreza e riqueza, encarar a morte de frente com coragem, que um dia nos unirá a todos em eterno júbilo e alegria. Sim, querido Senhor, que Teu rosto brilhe sobre nós para sempre! Amém!<sup>25</sup>

Porém, mesmo sob o domínio desse entusiasmo religioso bastante convencional, Nietzsche escondia uma extraordinária heresia em seus pensamentos privados.

É um princípio básico da fé cristã que a Santíssima Trindade consiste de Deus, o Pai; Deus, o Filho (Jesus Cristo); e Deus, o Espírito Santo. Mas aos doze anos Nietzsche não conseguia aceitar a irracionalidade dessa construção. Seu raciocínio o levou a uma Santíssima Trindade diferente.

Quando tinha doze anos, conjurei para mim mesmo uma maravilhosa trindade: Deus, o Pai; Deus, o Filho; Deus, o Diabo. Minha dedução foi que Deus, ao pensar a si mesmo, criou a segunda pessoa da divindade, mas para poder pensar a si mesmo ele teve de pensar seu oposto, e por isso teve de criá-lo. Foi assim que comecei a filosofar.<sup>26</sup>

# CRÍTICA